

Mulheres e matemática: currículos à deriva

Women and mathematics: drifting curricula

Vanessa Franco Neto¹

Resumo: O presente trabalho busca produzir uma reflexão acerca das demandas atuais do mundo do trabalho para inserção cada vez maior e mais especializada de meninas e mulheres. Para isso, utiliza-se como ponto de partida a história de navegadora que opera como uma narrativa pedagógica para as práticas de mulheres na atualidade. Além disso, lança-se mão de fatos recentes que ilustram como historicamente o sexismo impediu mulheres de alcançarem determinados espaços sociais e, mais recentemente, isso tem sido combatido em diversos âmbitos, apesar do problema ainda não ter encontrado uma resolução definitiva. Por fim, a problematização proposta é sobre o que está sendo construído (e divulgado) para meninas e mulheres como performances desejáveis na atualidade.

Palavras-chave: Currículos de Matemática. Mulheres e Meninas. Mundo do Trabalho.

Abstract: This paper seeks to produce a reflection on the current demands of the world of work for the increasingly specialized insertion of girls and women. To do this, we use as a starting point the story of a navigator who operates as a pedagogical narrative for women's practices today. In addition, recent facts are used to illustrate how sexism has historically prevented women from reaching certain social spaces and, more recently, this has been combated in various areas, although the problem has not yet found a definitive resolution. Finally, the proposed problematization is about what is being constructed (and disseminated) for girls and women as desirable performances today.

Keywords: Mathematics Curricula. Women and Girls. World of Work.

1 Diziam que eu ia morrer, que mulher é fraca demais [...]. O que se espera da mulher na contemporaneidade?

A primeira mulher a passar um inverno sozinha dentro de um barco no Ártico é brasileira. É assim que a reportagem que anuncia o feito de Tamara Klink, 26 anos e herdeira de um dos maiores navegadores do mundo, Amir Klink (Figura 1).

Após ser anunciada em um programa de televisão dominical, Tamara inicia sua narrativa afirmando que passou nove meses no Ártico e faz uma analogia com o tempo de gestação humana conforme segue:

Eu já sabia que um dia viveria nove meses de uma travessia solitária, sem interrupções, com mudanças no corpo, no tempo, convivendo com o medo, a solidão, a dor profunda, o desejo e a expectativa. Sem nenhuma glória garantida, nenhum reconhecimento por ter chegado ao fim. Escolhi gestar uma viagem, ao invés de gestar uma vida. As mudanças virão de fora pra dentro.

Há uma pulsão de morte latente na experiência narrada pela navegadora. O fato de

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul • Campo Grande, MS — Brasil • ✉ vanessa.neto@ufms.br • ORCID [0000-0002-2129-8040](https://orcid.org/0000-0002-2129-8040).

buscar a realização, pessoal e profissional, em um isolamento autoimposto, numa tentativa de provar a própria capacidade de sobrevivência em ambientes adversos, ao mesmo tempo em que endossa a capacidade de mulheres de fazerem o mesmo e, quiçá, muito mais. Ao longo da entrevista, Tamara endossa o argumento de um suposto empoderamento feminino ao afirmar que a empreitada trouxe a ela a possibilidade de, em meio ao isolamento, não ser interpretada por meio de estereótipos de gênero. Segundo a velejadora, ela pôde ser quem era, quem desejava ser, sem classificações ou enquadramentos sociais.



Figura 1: Imagens das mídias sociais da navegadora Tamara Klink em sua aventura no Ártico

Tamara se nega a ocupar o mundo de acordo com a função reprodutiva de seu corpo. Prática que vem organizando as relações sociais em nações ocidentalizadas. Ela rejeita os atributos e funções que uma compreensão biológica do mundo lhe imporia. A velejadora assume que a contemporaneidade exige da mulher um ocupar-se de superar os próprios limites, enfrentar as fronteiras culturalmente impostas, construir novas narrativas de ocupação de espaços que antes só aos homens pertenciam.

Essa narrativa representa as expectativas sociais organizadas pelo biopoder que “(...) lida com estes fenômenos da política que precisamente constituem a política e os móveis da política (...), que são os interesses ou aquilo por intermédio do que determinado indivíduo, determinada coisa, determinada riqueza etc. interessa aos outros indivíduos ou à coletividade” (Foucault, 2008, p. 62). Por meio de práticas que incidem sobre o corpo, não compulsoriamente, mas pelo entendimento da função de cada sujeito no mundo, o biopoder organiza e dá validade aos diferentes discursos movimentados a fim de governar os seres vivos na construção, fortalecimento e consolidação de uma determinada ordem social.

Esse artigo problematiza, portanto, as demandas de ser mulher na contemporaneidade e, mais precisamente, qual o papel da matemática nesse exercício do ensinar a ser mulher para atuar no mundo.

2 Como a matemática tem sido demandada às mulheres

Nos anos 1950 e 1960, a programadora Stephanie Shirley precisou se passar por homem para conseguir clientes para sua empresa de computação². Tendo um desempenho de destaque desde sua infância em matemática, Stephanie teve que enfrentar e burlar o sexismo que a limitava.

Na atualidade, o mundo social do trabalho tem se dado conta de que a demanda por profissionais competentes nas áreas que permeiam a matemática, não pode ser balizada pelo sexismo e deixar de aproveitar um contingente populacional tão grande quanto as mulheres, afinal, as áreas de tecnologia têm tido alta demanda destes profissionais³.

Todavia, mesmo com tal demanda, a igualdade de gênero não tem sido alcançada nem mesmo em países mais ricos⁴, onde as áreas de trabalho que envolvem tecnologia são cada vez mais pungentes, o que, em tese, deveria fazer as barreiras impostas pelo sexismo serem inexistentes ou, pelo menos, pouco relevantes para a desenvoltura de mulheres em quaisquer campos de atuação profissional.

Todo um movimento onipresente no mundo ocidental tem assumido o desafio de engajar meninas e mulheres nas áreas de STEM (ciência, tecnologias, engenharias e matemática, na sigla em Inglês), como um problema a ser enfrentado globalmente (UNESCO, 2022). De acordo com o relatório citado anteriormente, mesmo meninas com bom desempenho em matemática no equivalente aos anos finais do Ensino Fundamental em várias partes do mundo, não demonstram interesse em seguir nas carreiras STEM. Muitas delas manifestam o desejo de seguir em formações que as habilitem para o trabalho na área médica, por exemplo. Em um sentido oposto, meninos com resultados bem mais modestos, demonstram-se confiantes para seguir em profissões nas áreas STEM. Portanto, o relatório aponta para a potencial perda de talentos nessas carreiras, que vêm sendo apontadas como chave para resolver problemas atuais

² É possível ver mais sobre essa história no seguinte link: <https://g1.globo.com/ciencia/noticia/2024/03/10/a-matematica-que-se-passou-por-homem-e-ficou-milionaria-com-empresa-de-software.ghtml>

³ Sobre isso, é possível ler a reportagem que segue: Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c04rj7jl4e1o>

⁴ Sobre esse assunto, é possível ler: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-03/nenhum-pais-garante-oportunidades-de-trabalho-com-igualdade-de-genero>

da humanidade (UNESCO, 2019, 2021).

Portanto, a inserção de meninas e mulheres na aprendizagem, na produção e na aplicação do conhecimento matemático, tem se mostrado uma demanda deste tempo, anunciada como cada vez mais urgente (Neto, 2024)

Essa é uma questão curricular, pois entende-se que os currículos de matemática, especialmente a escolar, são produzidos, como não podia deixar de ser, para atender a demandas de determinado tempo e espaço, e acabam por promover subjetivações que corporificam e recombina, por meio de uma alquimia (Popkewitz, 2004), o conhecimento com práticas políticas e culturais, sendo o próprio currículo uma prática cultural que produz sujeitos de tipos específicos em um contexto determinado. Meninas e mulheres têm se constituído como objeto de desejo do currículo de matemática. Tal como a narrativa pedagógica, como prática do biopoder, exposta por Tamara Klink, tem-se propagado uma chamada ao engajamento deste contingente populacional para tornar-se um contingente de mão-de-obra altamente especializado.

A navegadora instrui que meninas e mulheres devem assumir desafios bastante perigosos, individuais, exaustivos para afirmarem-se como sujeitas de direito na sociedade. Desse modo, parece que há uma demanda em incluí-las, por meio da biopolítica, no mundo do trabalho capitalista definitivamente de forma individual, agressiva, arriscada e integral. A matemática, como conhecimento muito valorizado na atualidade (Valero, 2017), também demanda uma inserção crescente e integral desse grupo populacional.

Resta calcular a rota para onde seguiremos navegando: se para a consolidação dos modos de vida capitalistas e, simultaneamente, permeados de práticas que têm inviabilizados a vida progressivamente, ou se para a construção de vidas coletivas, colaborativas, revolucionárias. Que currículos de matemática devem ser (des)construídos para enfrentarmos a deriva.

3 Considerações finais

As funções de ser mulher estão em disputa e sendo anunciadas a todo o momento e em todos os espaços, inclusive nos currículos de matemática.

Este trabalho tem a função de problematizar, mais do que as questões de gênero nos currículos de matemática, mas os modos de vida que têm sido produzidos, inclusive e por meio dos currículos de matemática. Produzir uma análise de como o ser mulher vem sendo produzido,

também, por meio dos currículos de matemática e como este último tem atuado na elaboração de subjetividades que instam determinado grupo populacional a se engajar em performances úteis a uma racionalidade neoliberal, que anseia por corpos produtivos, não reprodutivos, necessariamente.

Referências

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NETO, Vanessa Franco. Garotas só querem somar: desenvolvimento sustentável, questões de gênero e as áreas STEM. *Perspectivas da Educação Matemática*, 2024 (no prelo).

POPKEWITZ, Thomas. The Alchemy of the Mathematics curriculum: inscriptions and the fabrication of the child. *American Educational Research Journal*, v. 41, n. 1, p. 3-34, 2004.

UNESCO. *Artificial Intelligence for Sustainable Development: Challenges and Opportunities for UNESCO's Science and Engineering Programmes*. S. Schneegans (Ed.). Paris: UNESCO, 2019

UNESCO. *To be smart, the digital revolution will need to be inclusive*. Excerpt from the UNESCO Science Report. Paris: UNESCO, 2021.

UNESCO. *UNESCO's efforts to achieve gender equality in and through education: 2021 Highlights*, 2022.

VALERO, Paola. Mathematics for all, economic growth, and the making of the citizen-worker. In: POPKEWITZ, Thomas; DIAZ, Jennifer; KIRCHGASLER, Christopher. (Ed.). *A political sociology of educational knowledge: studies of exclusions and difference*. New York: Routledge, 2017, p. 117-132.